

**ELZILENE BRITO**

**CADERNO LITERÁRIO**



**Belém Pará  
2023**





Programa de Pós-Graduação em Ensino da  
Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA**

**PROGRAMA DE PÓSGRADUAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS  
RESPECTIVAS LITERATURAS – PPGELL  
MESTRADO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS RESPECTIVAS  
LITERATURAS**

**ELZILENE CARVALHO BRITO**

## **CADERNO LITERÁRIO**



**Produto Educacional apresentado  
ao Programa de mestrado profissional  
em ensino de língua portuguesa e suas  
respectivas literaturas pela Universidade  
do Estado do Pará, como requisito parcial  
para obtenção do título de mestre. Área de  
Concentração: Práticas Pedagógicas:  
interfaces entre o ensino de Língua  
Portuguesa e suas literaturas. sob a  
orientação do Prof. Dr. Gabriel Lage da  
Silva Neto.**



**BELÉM PARÁ**

**2023**

# SUMÁRIO



01

APRESENTAÇÃO

02

UNIDADE I

03

UNIDADE II

04

UNIDADE III

05

UNIDADE IV

# APRESENTAÇÃO



Este caderno literário engenhou por uma proposta de concepção da literatura em sua forma mais tangível na sala de aula, uma vez que o olhar estigmatizado sobre o texto literário realça o “não” lugar dessa literatura nos espaços escolares. Essa percepção vazia envolta da prática docente, recai como influência desfavorável ao fazer literário. Isso reforça uma didatização do ensino da literatura que marginaliza o direito ao acesso de maneira efetiva e frutiva.

Os corpos que se materializam a partir da literatura, como bem aludiu Cosson, refletem o percurso humanizador do sujeito, quando está em contato frequente com essa literariedade. O corpo linguagem é “força motriz” a ser explorada no ambiente escolar. Esse entrelace de palavras e suas relações semânticas despertam no leitor a necessidade perene de se encontrar enquanto um literato. Nesse sentido, a intencionalidade presente nesta proposta consiste na ressignificação do ensino da literatura como chave capaz de abrir inúmeros portais, o letramento literário, aqui, comporta-se como essa chave.



Esta ousada ideia tenta, com muito esforço, contemplar o professor com um material de suporte, a fim de auxiliar sua prática, quanto ao ensino de literatura, por um caminho mais acessível e deleitoso. Dessa forma, o caderno propõe uma dinâmica literária pautada no uso de gêneros textuais dos quais envidam por leituras mais fluidas. Esses gêneros são apresentados por meio de contextualizações acerca de suas funções e características, não com o intuito de engessar o texto a aspectos subjacentes, mas ampliá-lo para além do intralinguístico. Outrossim, além da abordagem do texto considerando sua carga literária, são sugeridas atividades que orientarão o professor no manuseio desses textos em sala de aula. Desse modo, o caderno torna-se apoio metodológico fundamental para um ensino profícuo.

A proposta é destinada aos professores da Educação Básica, na etapa dos anos finais (6º ao 9º ano). A ideia em atender a esse público dá-se pela necessidade em inserir a literatura na escola desde a base, uma vez que entender o texto sob a densidade literária presente nele é instigar o aluno à construção de uma visão holística sobre suas leituras. Nesse sentido, o contato com a literatura seria preenchido por uma recepção mais positiva do aluno



e afastaria esse do estranhamento provocado pelo acesso abrupto no ensino médio. Isso ratifica a urgência em moldar a sala de aula com a arte da literatura e todas as suas interfaces.

Isto posto, as “pedras no caminho” da literatura precisam transformar-se em arquiteturas fixas e apreciáveis no contexto escolar, para que sejam lapidadas conforme as necessidades do aluno em sua relação dialética com o texto literário. Por fim, a persistência em escancarar discussões como esta delineará os meus traços como resistência a um ensino respeitável e reconhecido daquilo que é direito de todos, a literatura.

É com imenso entusiasmo que apresento a distribuição do Caderno Literário, uma ferramenta educacional cuidadosamente elaborada para inspirar o amor pela literatura e desenvolver as habilidades literárias dos estudantes. É dividido em unidades, cada unidade apresenta o texto literário de acordo com a série em seguida o estudo dos gêneros e por último a culminância da trilha da atividade. Para o 6º ano foi explorado os gêneros fábula e poema; para o 7º ano, os gêneros mitos, lendas ; para o 8º ano, os gêneros narrativos de ficção e cordel e para o 9º ano os gêneros crônica lírico e o conto fantástico.

# **UNIDADE I**

## **GÊNERO FÁBULA E GÊNERO POEMA : Uma abordagem para alunos do 6ª ano**

### **ORIENTAÇÕES PARA LEITURA E PROPOSTA DE ATIVIDADE PARA SALA DE AULA**



fábula

## A cigarra e a formiga



Num belo dia inverno as formigas estava o maior trabalho para secar suas reservas de comidas. Depois de uma chuvarada, os grãos tinham ficado molhados. De repente aparece uma cigarra:

– Por favor, formiguinhas, me deem um pouco de comida!

As formigas pararam de trabalhar, coisas que era contra seus princípios, e perguntaram:

– Mas por quê? O que você fez durante o verão? Por acaso não se lembrou de guardar comida para o inverno?

Falou a cigarra:

– Para falar a verdade, não tive tempo. Passei o verão todo cantando!

Falaram as formigas:

– Bom... Se você passou o verão todo cantando, que tal passar o inverno dançando?

E voltaram para o trabalho dando risadas.

**MORAL DA HISTÓRIA:** Os preguiçosos colhem o que merecem.

(Esopo)



# O GÊNERO FÁBULA

A fábula é um gênero popular repleto de simbologias. Ela pode apresentar animais ou objetos personificados, além de seres humanos, como personagens que se encontram em situações conflituosas. Assim, as fábulas sugerem normas de conduta a partir das ações tomadas pelos personagens, indicando os valores morais que devem ser seguidos em determinada cultura.

O gênero foi praticado pelo escravo Esopo na Grécia, até o século V a.C. As fábulas passaram por três períodos. O primeiro, se caracterizou por ter a “moral da história” como parte principal. O segundo, foi caracterizado por amargas sátiras com rimas. O terceiro período das fábulas teve como principal característica a presença de fabulistas mais modernos, como Jean de La Fontaine que elaborou as fábulas mais conhecidas.

As fábulas nos acompanham desde a Antiguidade. Elas foram disseminadas pela tradição oral e formam o repertório das primeiras histórias que ouvimos ainda crianças. Ao passo que nos debruçamos a compreender o gênero fábula, deparamo-nos com seu conceito. A fábula é um gênero literário que apresenta enredo sobre algum vício ou virtude, sempre encerrando com uma moral. Ela é composta por textos, em verso ou em prosa,

de linguagem simples e relativamente curtos, com poucos personagens na narrativa – geralmente animais com características humanas, principalmente psicológicas (inteligentes ou ignorantes, bons ou maus, generosos ou egoístas).

### **Conheça alguns autores e fábulas**

A fábula acompanha o ser humano desde a Antiguidade, sendo escrita, contada e lida até os dias atuais. Esopo, Fedro e La Fontaine são autores clássicos de fábulas. A seguir, veja informações sobre alguns deles e suas obras.

#### **Esopo**

Esopo (? 620 a.C. –? 564 a.C.) foi um grande escritor da Grécia Antiga. Há poucas informações sobre sua origem, mas acredita-se que ele foi escravo de um filósofo que admirava sua inteligência e, por isso, o libertou. Esopo criou uma centena de fábulas com animais como personagens que inspiraram outros fabulistas, como La Fontaine, grande responsável pela divulgação de suas obras.

- ❖ **A raposa e as uvas:** promove uma reflexão sobre a pessoa que fala mal de algo porque não consegue tê-lo para si. Vendo uvas muito bonitas e maduras, a raposa tenta pegá-las diversas vezes sem conseguir. Assim, passa a falar que as uvas estavam azedas e ruins, por isso não as queria. Provérbio popular: “Quem desdenha quer comprar”.

- ❖ **A cigarra e a formiga:** explora a questão do planejamento para enfrentar momentos difíceis. Enquanto a formiga guarda mantimentos para se manter, a cigarra aproveita o tempo cantando. Assim, quando o inverno chega, a cigarra não tem o que comer e precisa pedir ajuda. Provérbio popular: “Mais vale prevenir do que remediar”.
- ❖ **A lebre e a tartaruga:** versa sobre sentir-se melhor que o outro a ponto de diminuí-lo. A lebre zomba da tartaruga pela lentidão dela, até que ambas apostam uma corrida e a lebre, confiante demais, faz uma escolha ingênua que acaba tirando-a da competição. Provérbio popular: “A pressa é inimiga da perfeição”.



### La Fontaine

Jean de La Fontaine (Château-Thierry, 1621 — Paris, 1695) foi um escritor francês do século XVII. Patrocinado por um mecenas, conseguiu dedicar-se à literatura. Em 1668, publicou “Fábulas Escolhidas”, seu primeiro livro do gênero, com 124 fábulas inspiradas nas histórias de Esopo e de Fedro.

- ❖ **O leão e o rato:** versa sobre a gratidão, mostrando que, quando tratamos o outro bem, por ele seremos bem tratados. O rato acaba nas garras de um leão, que o deixa ir

embora. Pouco tempo depois, o leão cai em uma armadilha e, dessa vez, é o rato que o salva da morte. Provérbio popular: “Fazer o bem, sem olhar a quem”.

## **Algumas Releituras**

É comum que as fábulas tenham diversas versões para a mesma história. Ao longo dos tempos, os escritores fizeram releituras delas apresentando outros enfoques, como a versão da história pelo olhar de outro personagem.

**Monteiro Lobato:** publicou releituras no livro “Fábulas” (1922), em que as histórias assumem um ponto de vista infantil. Assim, os personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo ganham espaço nesse livro para opinarem sobre as histórias. As releituras de Lobato também têm a moral relativizada: a fábula “A cigarra e a formiga” ganha duas versões – uma com a formiga que ajuda a cigarra, outra com a formiga que nega alimento.

**Millôr Fernandes:** publicou releituras no livro “Fábulas Fabulosas” (1963), com uma linguagem repleta de humor e sátira que carnavaaliza os personagens e cria outros ambientes para as histórias. Nesse livro, Millôr utiliza o imaginário da fábula para manifestar-se contra a ditadura militar .





# **NAS TRILHAS DAS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS**



## **1ª Nas trilhas do conhecimento**

O primeiro passo é a leitura da fábula com os alunos, em seguida faça perguntas que ajudem na compreensão do gênero exposto, e possibilitem o diálogo entre a turma, permitindo que cada um fale sobre o que entendeu, o que achou da atitude dos personagens e sua compreensão sobre a moral da história.

## **2ª Degustando o gênero**

Mostre para a turma as versões das fábulas apresentadas na perspectiva dos autores (La Fontaine, Esopo e Fedro) e até mesmo nas releituras. Ao final das apresentações e da leitura, questione a turma sobre as características das fábulas lidas.

## **3ª Sendo o próprio autor**

Depois de terem participado de todo esse processo de leitura, análise e comparação de fábulas, crie sua própria fábula usando sua criatividade e imaginação.



p o e m a



## **O pobre poema – Mário Quintana**

**Eu escrevi um poema horrível!**

**É claro que ele queria dizer alguma coisa...**

**Mas o quê?**

**Estaria engasgado?**

**Nas suas meias-palavras havia no entanto uma  
ternura mansa como a que se vê nos olhos de uma  
criança doente, uma precoce, incompreensível  
gravidade**

**de quem, sem ler os jornais,  
soubesse dos sequestros  
dos que morrem sem culpa  
dos que se desviam porque todos os caminhos estão  
tomados...**

**Poema, menininho condenado,  
bem se via que ele não era deste mundo nem para  
este mundo...**

**Tomado, então, de um ódio insensato,  
esse ódio que enlouquece os homens ante a  
insuportável**

**verdade, dilacerei-o em mil pedaços.**

**E respirei...**

**Também! quem mandou ter ele nascido no mundo  
errado?**

# GÊNERO POEMA

## Origem e história do poema

A origem do poema remonta a tempos ancestrais, quando a linguagem humana começou a evoluir além da mera comunicação funcional para compartilhar histórias, lendas, mitos e reflexões sobre a vida e o mundo que as cercam.

As primeiras manifestações poéticas são, portanto, anteriores à escrita, transmitidas de geração em geração através da tradição oral. Esses primeiros poemas muitas vezes eram acompanhados por música, ritmo e gestos, tornando-se uma forma de entretenimento e educação nas comunidades.

Depois da invenção da escrita, os três gêneros literários (narrativo, lírico e dramático) eram escritos em versos.

Com o passar dos séculos, entretanto, a narrativa em prosa foi gradualmente ganhando relevância, levando o poema a se tornar mais associado ao gênero lírico.

O gênero textual poema escrito em versos e estrofes. É uma ferramenta de expressão artística e emocional, que significa "fazer, criar e compor".

Trata-se de um gênero bastante variável, seja em relação ao seu estilo, extensão ou temática.

O poema pode ser definido como um texto no qual a linguagem é explorada em suas mais variadas dimensões, dos seus aspectos sonoros aos visuais. No poema, mais do que em outros gêneros textuais, a linguagem vai além de sua função meramente comunicativa, transformando-se em objeto artístico por excelência.

## **Tipos de Poema**

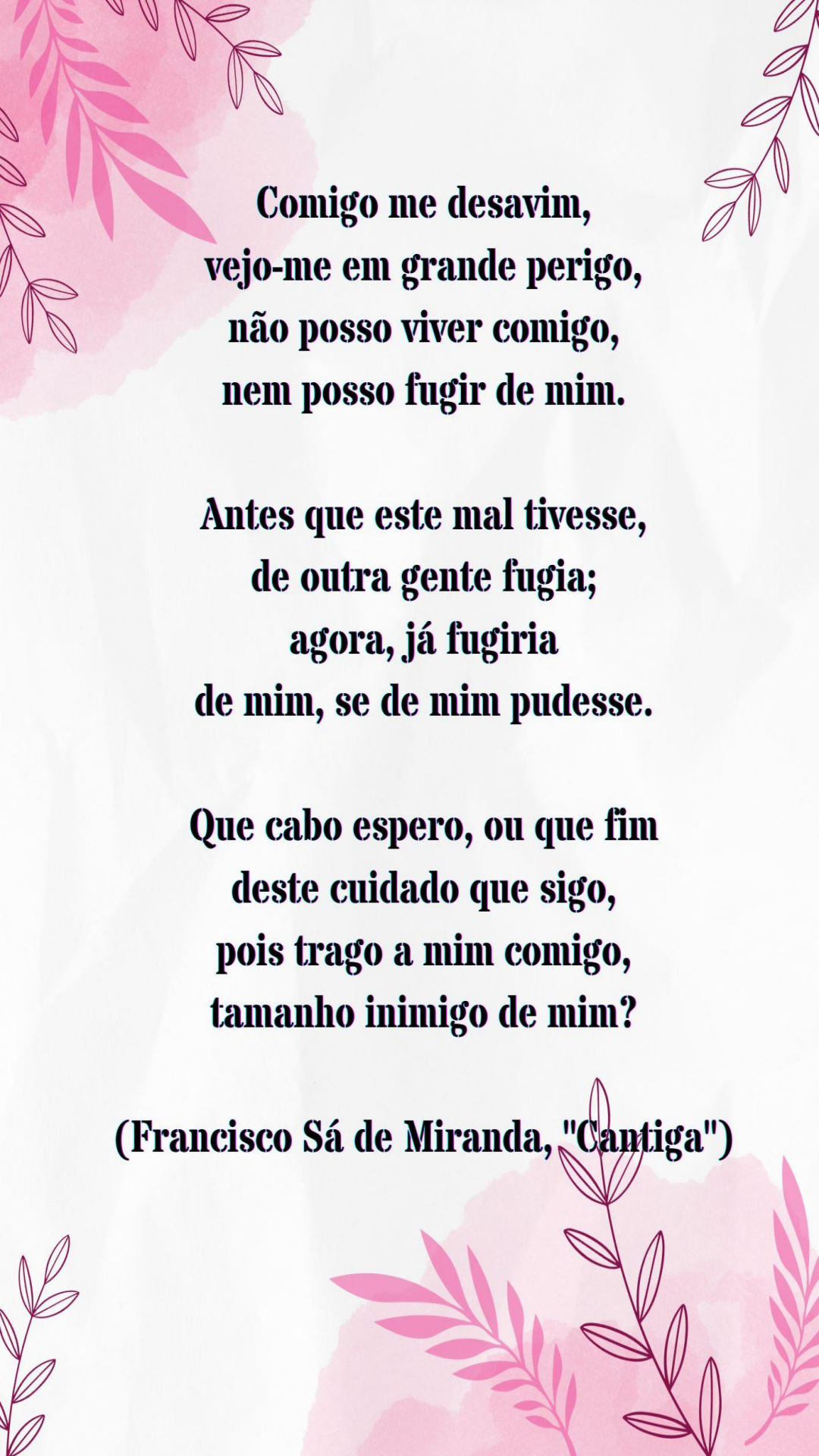
Na Grécia Antiga, todas as produções literárias — os gêneros épico, lírico e dramático — eram escritas na forma de poemas. Existem, portanto, três tipos de poemas:

### **Poema lírico**

Assim designado por ser cantado ao som da lira (instrumento musical), expressa em versos a subjetividade de um eu-lírico. "Como uma das principais características do gênero lírico é a manifestação da subjetividade, ou seja, a manifestação de aspectos ligados à interioridade de um sujeito, dá-se o nome de eu lírico à voz que se expressa no poema. No entanto, há que se atentar para o fato de que o eu lírico não necessariamente corresponde à voz do poeta, afinal, ele pode materializar em seu poema um eu lírico distinto."

**Exemplo:**





**Comigo me desavim,  
vejo-me em grande perigo,  
não posso viver comigo,  
nem posso fugir de mim.**

**Antes que este mal tivesse,  
de outra gente fugia;  
agora, já fugiria  
de mim, se de mim pudesse.**

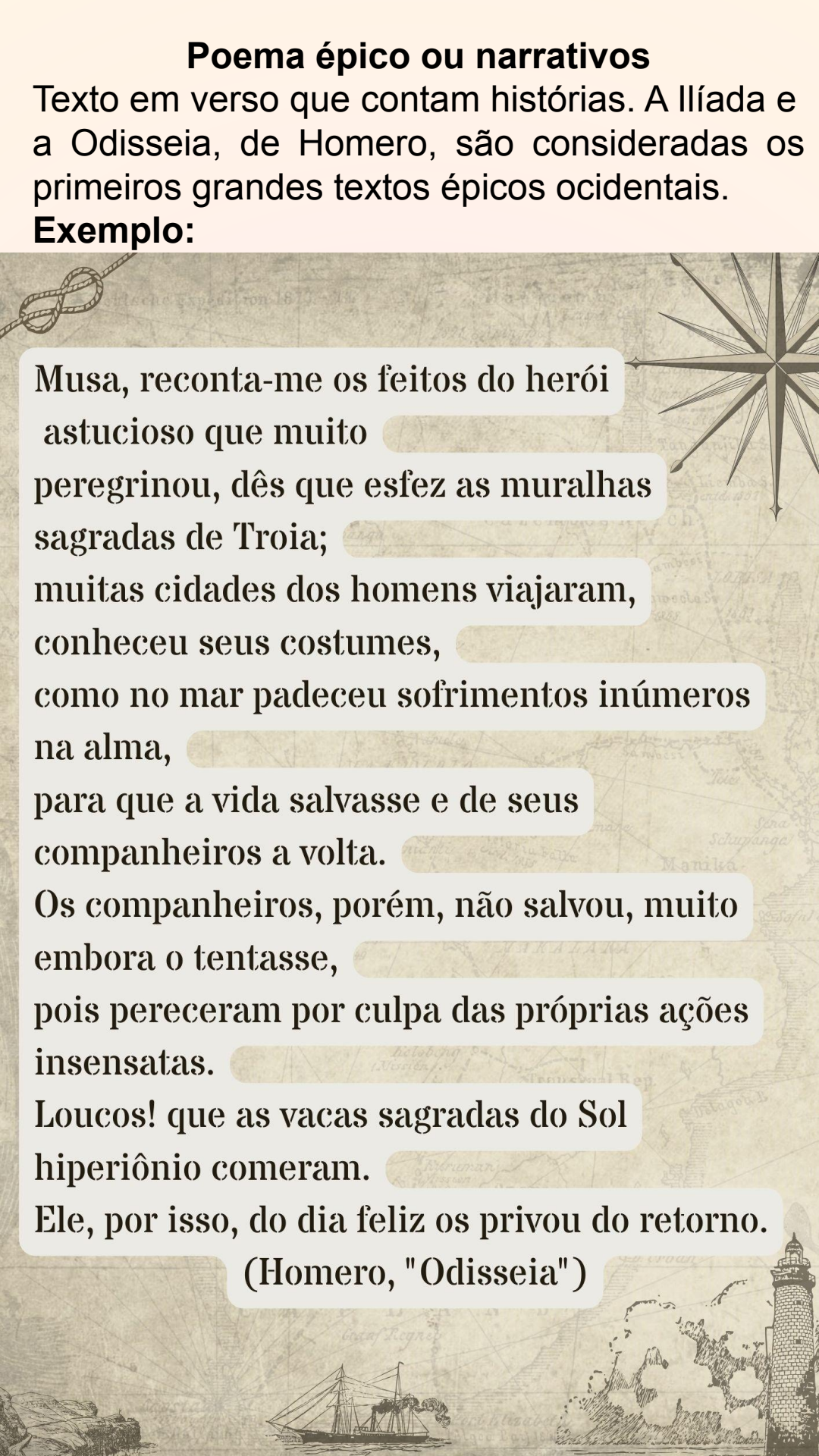
**Que cabo espero, ou que fim  
deste cuidado que sigo,  
pois trago a mim comigo,  
tamanho inimigo de mim?**

**(Francisco Sá de Miranda, "Cantiga")**

## Poema épico ou narrativos

Texto em verso que contam histórias. A Ilíada e a Odisseia, de Homero, são consideradas os primeiros grandes textos épicos ocidentais.

### Exemplo:



Musa, reconta-me os feitos do herói  
astucioso que muito  
peregrinou, dêz que esfez as muralhas  
sagradas de Troia;  
muitas cidades dos homens viajaram,  
conheceu seus costumes,  
como no mar padeceu sofrimentos inúmeros  
na alma,  
para que a vida salvasse e de seus  
companheiros a volta.

Os companheiros, porém, não salvou, muito  
embora o tentasse,  
pois pereceram por culpa das próprias ações  
insensatas.

Loucos! que as vacas sagradas do Sol  
hiperiônio comeram.

Ele, por isso, do dia feliz os privou do retorno.

(Homero, "Odisseia")



## Poema dramático

Texto teatral em verso escrito para ser encenado. É o caso da tragédia Shakespeare, Hamlet, cujo trecho transcrevemos a seguir:

### Exemplo:

Ser ou não ser, eis a questão: será  
mais nobre Em nosso espírito sofrer  
pedras e setas Com que a Fortuna,  
enfurecida, nos alveja, Ou insurgir-nos  
contra um mar de provocações .E em  
luta pôr-lhes fim? Morrer... dormir:  
não mais.

Dizer que rematamos com um sono a  
angústia. E as mil pelejas naturais,  
herança do homem: Morrer para  
dormir... é uma consumação. Que bem  
merece e desejamos com fervor.

Dormir... Talvez sonhar: eis onde  
surge o obstáculo: Pois quando livres  
do tumulto da existência. No repouso  
da morte o sonho que tenhamos.

Devem fazer-nos hesitar: eis a  
suspeita. Que impõe tão longa vida aos  
nossos infortúnios.

(William Shakespeare, "Hamlet")

## Características e estrutura do poema

O poema se apresenta em forma de **versos** e **estrofes**:

- ❖ **Verso**: unidade mínima de um poema, cada uma das linhas que o compõe.
- ❖ **Estrofe**: conjunto de versos.

Existem algumas formas fixas de poemas, geralmente de origem clássica, determinadas pelo número de versos e estrofes que apresentam.

## Diferença entre poema e poesia

O poema é uma forma específica de expressão literária, escrita em verso. É uma composição que segue uma estrutura e um formato particular, seja em termos de métrica, rima, estrofes ou outros elementos formais.

A poesia, por seu turno, é um conceito mais amplo e abstrato. Na linguagem dos gregos antigos, poesia queria dizer criação (*poiesis*). Atualmente, em literatura, poesia é a beleza concentrada que pode ser localizada em alguma coisa: em uma paisagem, em uma pintura, em uma melodia etc. Essa beleza concentrada, portanto, pode existir tanto em um texto em prosa como em um texto em versos (poema). O que faz um texto possuir poesia são diversos recursos, tais como: a conotação, a rima, as figuras de linguagem etc.





# NAS TRILHAS DAS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS



## **1ª Nas trilhas do conhecimento**

Inicie a aula lendo o poema e em seguida mostre aos estudantes diferentes tipos de poema (digitais ou impressos) – sem mencionar o estilo de cada um deles (narrativo, dramático, lírico). Incentive a participação dos estudantes e lance perguntas disparadoras.

## **2ª Degustando o gênero**

Finalizadas as investigações teóricas e a análise textual, cada estudante deverá escrever um poema. Para que a experiência seja significativa para eles, deixe que eles façam suas próprias sugestões de tema para os poemas. Assim, os estudantes poderão tornar esse processo ainda mais enriquecedor.

## **3ª Sendo o próprio autor**

Chegou o momento de contar sua própria história em forma de poesia e compartilhar por meio de vídeo poemas para seus colegas.

# **UNIDADE II**

**GÊNERO MITOS, LENDAS E CONTOS : Uma  
abordagem para alunos do 7ª ano**

**ORIENTAÇÕES PARA LEITURA E PROPOSTA DE  
ATIVIDADE PARA SALA DE AULA NA  
PERSPECTIVA  
DO IMAGINÁRIO AMAZÔNICO**

A decorative swirl ornament consisting of five interlocking loops, resembling a stylized star or flower, positioned above the letter 'e' in the word 'Lenda'.

Lenda®

## **A Lenda da Vitória-régia**

Certo dia, uma bela índia chamada Naiá, encantada com todas essas histórias, sonhava que a Lua escolhia as moças mais bonitas das tribos para transforma-las em estrelas que brilhariam para sempre no céu ou que seriam como o astro lunar.

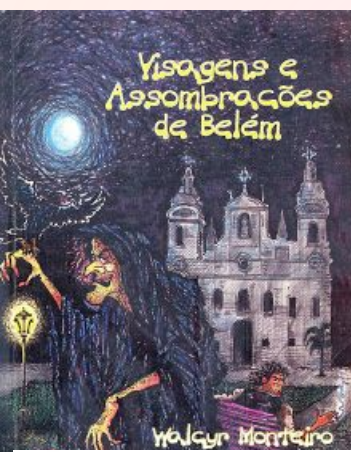
A índia Naiá, tal qual as demais cunhãs, também desejava ser escolhida pela Lua e se tomar uma estrela no céu. Todas as noites, Naiá saía de sua maloca a fim de ser vista pela Lua, mas - para sua tristeza - ela não a chamava para junto de si.

A cunhã já não dormia mais, passava as noites andando nas cercanias da taba, tentando despertar a atenção do satélite terrestre. E nada...

Uma noite, porém, cansada de esperar, resolveu chegar até a Lua, o que fez durante dias e noites, com a maior obsessão. Passou então a correr atrás de Jaci, subindo os montes mais altos, percorrendo as planícies mais extensas, buscando as árvores mais esbeltas no afã de tocá-la. Tudo em vão.

Desolada, aproximou-se de um lago para chorar. Chegando lá, a índia viu a figura da Lua refletida em suas águas límpidas, acreditando que Jaci tinha ficado com pena dela e descido do céu para buscá-la. Vendo a Lua tão perto, a índia não resistiu, jogou-se na água para tocá-la.

Mas o reflexo se desfez e a pobre moça morreu afogada. Jaci, comovida diante do sacrifício da bela jovem, resolveu transformá-la em uma estrela diferente daquelas que brilham no céu, uma majestosa planta chamada Vitória-régia, que passou a ser uma "lua nas águas" ou a "estrela das águas", como preferem alguns ribeirinhos. Curiosamente, as flores dessa planta só se abrem durante a noite. Tem uma flor de perfume ativo e suas pétalas, ao desabrocharem, são brancas, tornando-se rosadas quando os primeiros raios do Sol aparecem. (Walcyr Monteiro)



## A Lenda da Vitória-régia

A exuberante paisagem que cerca a Amazônia sempre encorajou uma incansável imaginação na formação do imaginário caboclo, baseado no paroxismo herético dos primitivos povos que aqui viveram e de suas origens a muitas lendas. Era a forma exótica de explicar o princípio das coisas, baseado no respeito pela natureza. As plantas, os animais e até mesmo os seres inanimados possuíam a fluência entre a vida, cultivada pela criação de nossos ancestrais. Tudo tinha uma razão de ser, tudo estava ao seu. Os seres celestes, em especial, também eram contemplados pelos índios. Todos na ribeira, por exemplo, adoravam Jaci, a Lua. Ela era a mais bela no céu e objeto de maior desejo na Terra. Os índios acreditavam que a Lua, além de cuidar das plantações e de todos os vegetais, também podia dar o amor e a felicidade eterna.

Certo dia, uma bela índia chamada Naiá, encantada com todas essas histórias, sentava-se à Lua e contava as coisas mais bonitas dos índios, para transformá-las em histórias que brilhavam para sempre no céu e que seriam como o amor eterno. A Naiá, tal qual as demais crianças, também descobria ser escondida pela Lua e se beijava nela quando ela vinha. Todos os meses, Naiá saía de sua cabana e ia de noite para a Lua mais, para sua tristeza, ela não a chamavam para junto de si. A criança doente triste, passava as noites andando nas cercanias da taba, tentando despertar a atenção do solitário terreno. E nada...

Uma noite, porém, cansada de esperar, resolveu chegar até a Lua, o que fez durante dias e noites, com a maior obsessão. Passou então a correr atrás de Jaci, subindo as montanhas mais altas, procurando as glaciéres mais extensas, buscando as árvores mais rebeldes no afã de tocá-la. Tudo era vão.

Desolada, aproximou-se de um lago para chorar. Chegando lá, a índia viu a figura da Lua refletida em suas águas límpidas, acreditando que Jaci tinha ficado com pena dela e desceu do céu para buscá-la. Vendo a Lua tão perto, a índia não resistiu, jogou-se na água para tocá-la. Mas o reflexo se desfez e a pobre moça morreu afogada.

Jaci, comovida diante do sacrifício da bela jovem, resolveu transformá-la em uma estrela diferente daquelas que brilham no céu, uma majestosa planta chamada Vitória-régia, que passou a ser uma "lua nas águas" ou a "estrela das águas", como preferem alguns ribeirinhos.

Curiosamente, as flores dessa planta só se abrem durante a noite. Tem uma flor de perfume ativo e suas pétalas, ao desabrocharem, são brancas, tornando-se rosadas quando os primeiros raios do Sol aparecem.

Na descrição do escritor Walcyr Monteiro, a Vitória-régia (*Eleutheria Amazonica*) é das mais bonitas plantas aquáticas do mundo. Possui folhas com formato de bandeira que chega até a 1,5m de diâmetro, de coloração verde na parte virada para cima e interna, e purpúrea na sua borda externa e parte inferior. A Vitória-régia vive em lagos, lagoas e rios de águas mornas. Sua folha é bastante resistente e pode aguentar um peso de até 45 quilos.

Segundo o escritor paranaense, a planta aquática, com toda a sua beleza e exuberância, chama a atenção de quantos a vêem, que ficam verdadeiramente entusiasmados, tal como aconteceu com o britânico inglês Lindley que, ao contemplá-la, resolveu homenagear a rainha Vitória, da Inglaterra, e deu à planta o nome da soberana inglesa. Mas, conforme relata Aníbal Maré, nossos índios também não ficaram indiferentes à sua beleza e contaram esta linda história para justificar-lhe a origem.



Onde você está com quem quiser falar...

100 - Telecelle Celular e mais economia do Estado.

100 - Telecelle Celular e mais economia do Estado.

# **A Lenda da Vitória- régia**

**VOCÊ  
SABIA?**

**A exuberante paisagem que cerca a Amazônia sempre exerceu uma imensa influência na formação do imaginário caboclo. Tradições herdadas dos povos primitivos que eram a forma lógica de compreensão e explicação do princípio das coisas. As plantas, os animais e até mesmo os seres inanimados possuíam a flama etérea da vida, cultivada pelas crenças de nossos aborígenes. Tudo tinha uma razão de ser. Os astros celestes, em especial, também eram endeusados pelos índios. Os índios acreditavam que a Lua, além de cuidar das plantações e de todos os vegetais, também podia dar o amor e a felicidade eterna.**

Lenda é uma palavra proveniente do latim “*legenda*”, que tinha o significado de “a serem lidos”, provindo do verbo “*legere*” (ler). Portanto, é uma narrativa transmitida oralmente pelas pessoas, sempre falando sobre fatos sobrenaturais, misteriosos, frutos da imaginação que, misturados a fatos reais, tornam-se histórias fantasiosas que, com o tempo, vão se modificando e assumindo novas características.

A lenda sempre existiu no imaginário popular, desde os tempos em que o homem não conhecia a escrita e ficava contando histórias à beira das fogueiras. Com o passar do tempo e a criação da linguagem escrita, as lendas foram sendo reproduzidas em livros, registradas com o formato de contos, de histórias escritas.

As lendas possuem duas características: uma delas tenta oferecer explicações para acontecimentos e situações que não são dominadas pelos homens, que não têm o conhecimento científico para explicá-las, como nos casos de supostos fenômenos sobrenaturais. Outra característica é quase sempre ter um fundo moral, uma lição a orientar os procedimentos e comportamentos das pessoas.

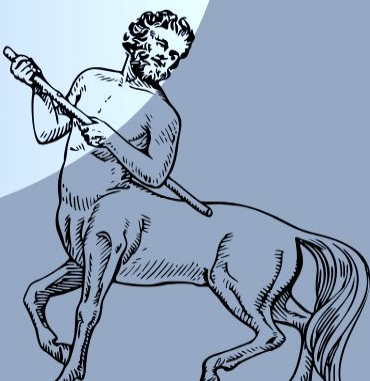
Uma lenda pode ter seu fundo de verdade, mas, com o tempo, conseguem transformar, criando a degeneração de um mito, já que sempre foram passadas oralmente de geração em geração, dando razão ao ditado popular de que “quem conta um conto aumenta um ponto”.

## **LENDAS NO IMAGINÁRIO REGIONAL**

Belém é uma cidade rica em cultura, com seus sabores, cheiros e cores, os quais podem ser encontrados em cada esquina: nas lendas e mitos contados, no carimbó, nas vendas do cheiro do Pará na feira do Ver-o-Peso. São particularidades da colonização portuguesa e das heranças indígena e africana. E é essa miscigenação cultural e racial que se faz presente igualmente no artesanato e no rico folclore, representado aqui pelas lendas e mitos. Estas lendas e mitos são um dos maiores exemplos da cultura regional representada na cidade de Belém, muitos provenientes dos interioranos do estado do Pará, os quais trouxeram essas histórias para a capital e transmitiram esses conhecimentos ao povo da cidade. Presentemente, fazem parte da crença não somente dos interioranos, mas também da população belenense.



**MITO**



## O BOTO

Em algumas noites especiais, de lua cheia ou festa junina, o Boto sai do rio e se transforma em um homem sedutor e galante, todo vestido de branco.

Usa um chapéu para disfarçar a sua identidade: pelo nariz grande, continua lembrando o golfinho de água doce e, no topo da cabeça, tem um orifício por onde respira.

Surpreendendo moças na beira do rio, ou dançando com elas durante os bailes, o Boto consegue seduzi-las com seu jeito doce e charmoso. Aí, decide leva-las para dentro da água, onde fazem amor.

Na manhã seguinte, regressa à sua forma normal e desaparece. As mulheres ficam apaixonadas pela figura misteriosa e muitas vezes engravidam, tendo de revelar ao mundo o seu encontro com o Boto. ( Antônio Juraci Siqueira)



## MITOS E LENDAS

Mitos e lendas são narrativas fantásticas que não são verdadeiras, mas utilizam fatos para fazer com que as pessoas acreditem nelas.

Mito (do grego *mythós*) é uma narrativa fantástica que possui o objetivo de explicar a origem de tudo aquilo que existe e é considerado importante para um determinado povo. A reunião dessas narrativas forma um conjunto de explicações sobre o mundo chamada de mitologia.

A mitologia como se conhece hoje em dia tem origem na Grécia antiga. A cultura grega, politeísta (crença em muitos deuses), possibilitou a criação de um modelo complexo de interpretações sobre a origem do mundo e a relação dos seres humanos com a natureza e esses deuses.

Os mitos cumprem o papel de ensinar através de histórias repletas de simbolismo, que relacionam elementos sobrenaturais com a vida dos seres humanos, dando lições sobre como se deve viver.

Ao longo do tempo, os mitos foram assumindo outros significados e seu uso passou a determinar outros sentidos.

Inicialmente, o mito refere-se diretamente a uma narrativa fantástica compreendida como verdadeira, que dá conta de explicar a origem de tudo o que é relevante para a vida humana.

A partir da produção de conhecimentos baseados na lógica, os simbolismos dos mitos foram sendo abandonados e seus relatos passaram a ser compreendidos como uma ficção.

Hoje em dia, mito pode ser sinônimo de falsidade ou mentira. A oposição entre "verdade ou mito" tornou-se muito comum e se dá pela tradição fantástica das histórias míticas e sua falta de coerência com a realidade.

O significado de mito também se relaciona com algum aspecto que possa parecer sobre-humano ou sobrenatural. Uma pessoa pode ser chamada de mito quando suas ações parecem estar para além das pessoas comuns, a exemplo das divindades gregas.

### **Características dos mitos**

Tradicionalmente, os mitos possuem algumas características próprias e eram responsáveis por relatar a origem dos deuses e das coisas. São narrativas que não possuem uma lógica rigorosa e utilizam-se de símbolos de fácil reconhecimento e compreensão. Nos mitos não há um limite definido entre o que é natural e o que é sobrenatural.



## MITO NO IMAGINÁRIO REGIONAL (BELÉM PARÁ)

O Pará possui uma extensão territorial gigantesca, e quando se fala em imaginário local é possível escutar os mitos e lendas narradas e passadas às gerações seguintes e conviver com eles. Essas novas gerações ajudam a conhecer e a construir a cultura local, além de explicar, aos olhos desses povos, um pouco da história deles. E, na própria capital do Estado do Pará, acreditava-se que fatos sobrenaturais verdadeiramente aconteciam, e, durante anos, as histórias fantásticas assombraram as ruas de Belém.

Essas histórias de visagens e assombrações e lendas urbanas, como a da “A moça do Táxi” e a da “Matinta Perera”, contada há anos de gerações para gerações, estão incluídas no contexto de lendas, por misturar fatos reais e fantástico. Em contrapartida, a história da “Cobra-grande”, que para muitos ribeirinhos é a explicação para o surgimento de alguns dos grandes rios da região amazônica, enquadra-se como mito, por ser uma história fantasiosa que tenta explicar como algo passou a existir.





## NAS TRILHAS DAS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS



### **1ª Nas trilhas do conhecimento**

A aula deve começar com questionamentos sobre as lendas e mitos locais. Ouvir os alunos e fazer a mediação necessária para uma melhor compreensão destes textos. Em seguida o professor(a) deve contar uma lenda que julgue ser do interesse das crianças e depois propor uma discussão sobre seu enredo.

### **2ª Degustando o gênero**

Os alunos deverão pesquisar sobre mitos e lendas regionais, e com ajuda do professor(a) realizarão uma amostra em forma de mural para as outras turmas.

### **3ª Sendo o próprio autor**

Após a amostra dos alunos, chegou a hora de serem autores de seus próprios mitos e lendas, o professor(a) conduzirá a produção dividindo a turma, metade irá produzir mitos e outra metade lendas, inspirados no nosso imaginário Amazônico. A sugestão é que antes façam uma breve pesquisa com seus avós para conhecerem melhor a imensidão do nosso imaginário local.



# Conto



# **O despertar das Cinderelas do Rio**

## **Tocantins**

Conta-se que por volta do mês de agosto nas enseadas do rio Tocantins surge em meio a água turva pequenos peixes de escamas douradas. Os antigos moradores das localidades ribeirinhas têm superstições sobre o aparecimento dos pequenos peixes dourados. Uns dizem que quando eles aparecem e nadam contra a maré significa que o resto do ano vai ser ruim para a pescaria, outros dizem que quando eles se concentram no recôncavo do rio é porque não tiveram permissão do rei das águas para explorar a infinidade de possibilidades que o rio oferece. Mas, em meio a inúmeras superstições surge ela, uma velha senhora, sábia? Talvez. Chega em meio aos outros moradores desmentidos suas superstições, enquanto ela critica as falas dos moradores locais, eis que vem uma moça lá pelos seus 25 anos, e diz: "esses peixes malditos trouxeram agouro para nossa família, todas as moças ao se banharem na água engravidaram". Por um instante, houve um silêncio total, e logo foi interrompido por diversas gargalhadas e das boas. Em meio a falta de fôlego por conta das gargalhadas, e as piadinhas em decorrência da superstição, um garotinho respira fundo e diz: "senhora, conte sua mentira".

A velha senhora era uma moradora muito antiga daquela localidade, embora não tivesse nascido ali. A propósito, essa senhora foi deixada muito pequena por um casal de marreteiro que por ali passava, ficou aos cuidados de uma moradora que foi uma das fundadoras da localidade, uma velha estranha de poucas feições. O fato é que com o passar dos anos aquela criança cresceu, não casou e nem teve filhos, sua tutora faleceu deixando-a sozinha no mundo e vivendo numa velha cabana em uma tapera. A mãe velha contava que muito antes da localidade ribeirinha ficar muito popularizada os peixes dourados já faziam suas aparições por aqui. Anos pós anos ela observava o comportamento dos peixes dourados. Mas foi em um ano bissexto numa sexta-feira do mês de Agosto que ela teve uma surpresa imensa, ao observar um clarão imenso no rio, correu até seu trapiche improvisado de ripa de açaizeiro e deparou-se com o bailar dos peixes dourados, era uma noite linda de lua cheia, a impressão era que a lua estava a poucos metros da água, isso fazia com que a coreografia dos peixes ganhasse um efeito especial, o brilho da lua o dourado dos peixes, ao meus olhos eram belas moças despertando das profundezas dos rios para embelezar aquela belíssima noite.

Desde esse acontecimento, uma vez ao ano essas belas moças despertam das profundezas do rio para mostrar sua beleza em forma de coreografia para a lua, a mesma por agradecimento deixa seu esplendor abrilhantar o momento. (Elzilene Brito)



## **Vozes Verena: devaneios de um romance lunar**

No crepúsculo das tardes onde as vigilengas bailavam sob o acorde dos sons dos pássaros, as garças entrelaçavam-se nas curvas das maresias e os urubus abasteciam-se de raios solares nos mastros coloridos, Verena apreciava com volúpia a expressão artística debruçada sobre sua vista. Era ali o lugar de seu aconchego, nas pedras organizadas como que por mãos para ocupar com beleza e simpatia aquele espaço que acomodava com honrarias a despedida do sol e as boas-vindas da lua.

Assim como a paisagem que se desenhava nesse espaço, era a beleza estonteante de Verena, tão feroz quanto os olhos de Medusa. Não era possível distinguir a quem se admirava naquele lugar. Era ritualístico estar em todos os pores do sol. De longe, em uma solitária pedra, sentia a maresia beijá-la, ao mesmo tempo que ecoava um canto angelical. Atraía um público fiel que prestigiava o ambiente artístico de todos os finais de tarde.

A lua, como sempre a unir todas as coisas, juntava-se ao mar e Verena, e como uma orquestra organizavam-se para um novo espetáculo. Ninguém entendia como e nem por que, mas aquele lugar só fazia sentido se ali ela estivesse, a deslumbrar olhares e a encantar ouvidos.

Era bela e de uma voz eufônica, não à toa que movimentava aquele rio em grandes "romarias" fluviais, mas era ela a ser adorada, venerada pelos barcos que se enfileiravam para desfrutar do momento. Assim como a Virgem que passeia pela Baía do Guajará no mês de outubro cercada por fiéis a contemplar seus bons feitos, Verena cumpria o mesmo papel naquele lugar.

Pescadores de regiões próximas e distantes faziam questão de passar por ali, induzidos e enfeitiçados por aqueles olhos e aquele canto. Sabia bem como entorpecer os homens, pois todos os seus movimentos eram propositalmente sensuais. Numa dessas tardes recheadas de encanto, vinha distraído em seu barco um rapaz, preocupado somente em fazer seu serviço. Nada o dispersava, nem mesmo o show que o sol dava ao se por. Enquanto todos inclinavam-se aos pés de Verena, o rapaz entretia-se em seus afazeres. Ao perceber tal distração e impressionada em ser ignorada como nunca, ela interrompe bruscamente a melodia que sussurrava e observa firmemente aquele rapaz.

Tudo parou junto com ela, o brilho do sol foi se esvaindo, o rio adormeceu e tudo escureceu. Uma sensação nova inquietou o seu coração. Estava, pela primeira vez, a apreciar ou invés de ser apreciada.

Sabia que em suas mãos tinha o poder de possuir tudo e a quem quisesse. Nascera com a certeza de ser e ter, nunca pedir. Sempre teve atenção, sempre teve o que desejasse, bastava olhar e sorrir, que tudo se debruçava ao seus pés. Encontrava-se, então, num lugar novo, o de querer e não ter. Embora muito sedutora e de uma beleza singular, seu ponto mais forte era sua voz. Ao cantar, hipnotizava a todos, assim como Medusa, petrificava, mas não somente pelo olhar, como principalmente pelo seu canto. Não tinha dúvidas que hipnotizaria aquele rapaz de traços tão singelos, e ao mesmo tempo tão firmes, de expressão tão genuína, e ao mesmo tempo tão corruptível. Todavia, mal sabia ela que seu canto, para aquele rapaz, de nada serviria.

Vigia inteira considerava Verena um Patrimônio Imaterial da cultura local, ela, com certeza, enriquecia a cidade que sempre fora banhada em arte e literatura. Já era seu aquele lugar entre o pôr do sol e o raiar da noite. Sempre que seus olhos fixavam o público como um felino, dava o bote e arrancava seus corações a cada nota que delineava em uma canção. Era sempre perto da meia noite, quando Verena "fechava" as cortinas de seu palco e encerrava seu espetáculo. Pronta para partir, deparou-se com aquele rapaz sentado na proa do barco a admirar a lua.

Sem titubear, arrumou-se brevemente e foi em direção a ele. Com água sob seus pés, o vento a acariciar seus cabelos e o olhar sedutor soou a mais bela canção, mas nada fez com que o rapaz deixasse de contemplar a lua.

Verena já não sabia o que fazer para chamar-lhe a atenção, aliás, nunca soube, nunca precisou. Esforço foi algo que não precisava fazer para ter a admiração de um homem. Revigorado pela conversa sutil com a lua, o homem levantou-se e entrou na cabine, sem nem se dar conta de tudo que Verena fizera para chamar sua atenção. Irritada, virou para a lua e espraguejou: "Como podes tu, sem formas, sem voz, encantar um homem sem sair do lugar?" Enfurecida, desafiou a lua a uma batalha e quem vencesse teria para sempre o coração daquele rapaz.

No dia seguinte, Verena dedicou-se a preparar sua voz para expor seu canto mais sublime na batalha que estava por vir. Enfeitou seus cabelos com uma coroa de flores, colocou um vestido longo que valorizava as curvas de seu corpo e pintou-se por inteira. Como uma guerreira, pronta para lutar, subiu até as pedras, seu principal palco, e esperou a sua rival, confiante que no fim ergueria seu troféu.

Foi então que surgiu a lua, imponente e serena, nada pronta para uma guerra, mas digna de qualquer prêmio. As duas esperaram, uma aflita, outra tranquila, uma sedenta por seu troféu, outra saudosa por seu amado. Meia noite em ponto e eis que surge despretensiosamente o homem responsável por aquele duelo. Verena pôs-se a cantar, mais encantadoramente que antes, e a lua refletida sobre as águas brilhava cada vez mais.

Um famoso duelo de titãs, mas quem levaria o coração daquele desinteressado rapaz? O canto transportava-se rio à fora, e nada de tocar o coração de quem Verena desejava. Brava e já cansada, estava prestes a desistir, quando viu parado, olhando para o céu, seu tão sonhado troféu. Não acreditava no que via, não era possível que aquele homem não se deslumbrava com seu canto alucinante. O homem, na verdade, assim como bem ensinado pela dona raposa, só via bem com o coração, era surdo e cego, mas desde pequeno foi preparado para contemplar as coisas essenciais da vida. Foi naquele barco, com a ajuda de seu pai, que conheceu o mar e tudo o que ele pode oferecer, que sentia o vento e todo o seu acalento, que admirava as estrelas ainda que não soubesse como são e amava todas as noites sua lua, como assim

a chamava. Já era dela seu coração, sem que ela precisasse lutar qualquer batalha. A conexão entre o homem e a lua era tão forte que Verena não precisou de nenhuma explicação, apenas entendeu que para o coração não há sentido maior que o simples fato de existir, a beleza estar no ser sem querer ser, no doar sem querer ganhar, no amar só por amar. Foi ali que Verena humildemente pediu para a lua que a levasse para que juntas pudessem abastecer a terra de luz, encanto e magia. E até hoje aquele espaço, por muito ocupado por Verena, é cenário de bons romances, poesia viva e embutida nas nuances que pairam numa lua sedutora.

(Luanny Gonçalves)



## CONTO

O conto é um gênero literário que possui narrativa curta e tem sua origem da necessidade humana de contar e ouvir histórias. Passa por narrativas orais de povos antigos, trilhando pelos gregos e romanos, pelas lendas orientais, parábolas bíblicas, novelas medievais, até chegar a nós como é conhecido hoje.

A estrutura do conto é formada por situação inicial, desenvolvimento e situação final. Essa divisão é parte importante para composição do enredo. Dessa forma, na construção do conto, ocorrem os elementos da narrativa, que são: foco narrativo, espaço, tempo e verossimilhança. Devido à necessidade de contextualizar a narrativa, o conto sofreu diversas transformações ao longo da história.

Veja os tipos de conto:

- ❖ Conto de ficção científica: caracterizado por possuir elementos que não fazem parte de uma realidade comum. Seu enredo é construído com base em percepções científicas e tecnológicas.
- ❖ Conto infantil juvenil: narrativa destinada a crianças e adolescentes. Possui linguagem mais simples e elementos que fazem parte do mundo do seu público-alvo.
- ❖ Conto fantástico: construído com personagens e narrativas impossíveis na realidade, é inspirado em narrativas clássicas, como Odisseia, de Homero.

- ❖ **Conto de fadas:** caracterizado por iniciar com a expressão “Era uma vez...” e apresentar alguma maldade feita por alguém, costuma ter desfecho favorável aos personagens, podendo ou não ter interferência de seres encantados (fadas, bruxas, duendes).

### **Estrutura do conto**

Ao escrever um conto, é necessário observar sua estrutura e as partes que compõem o enredo. Enredo também é conhecido como trama ou intriga e tem a função de dar sequência à narrativa e localizar o leitor em relação à sucessão de acontecimentos, dando ênfase à causalidade.

- ❖ **Situação inicial:** evidencia a situação que dará início à narrativa, apresentando os personagens, o tempo e o espaço descrevendo-os.
- ❖ **Desenvolvimento:** é nesse momento que surge a quebra do aspecto predominantemente descritivo e o conflito começa a ser percebido pelo leitor. Esse conflito resultará no clímax, o momento de maior tensão da narrativa.
- ❖ **Situação final:** é o momento de desfecho do conto, quando o conflito é resolvido, resultando na quebra ou confirmação de uma expectativa.
- ❖ **Conflito:** trata-se do momento em que ocorre uma oposição entre os elementos

da narrativa, resultando em uma tensão que organiza os fatos. O conflito instiga o leitor em relação à narrativa.

- ❖ Clímax: é quando a narrativa alcança a tensão máxima. É o ponto culminante do conflito.
- ❖ Desfecho: trata-se da situação final, ou seja, a solução do conflito.

### **O conto apresenta as seguintes características:**

- ❖ Espaço delimitado: o local em que se desenvolve a história é delimitado, como uma determinada casa, rua, parque, praça. Isso acontece pelo fato de o conto ser uma narrativa breve, em que não é possível se falar em muitos espaços diferentes.
- ❖ Tempo marcado: o tempo do conto é marcado. Isso quer dizer que é possível saber em que momento a história acontece. Esse tempo pode ser:
  1. cronológico - quando as coisas acontecem numa sequência normal, de horas, dias, anos.
  2. psicológico - quando as coisas não acontecem numa sequência normal, mas de acordo com a imaginação do narrador ou de um personagem.
- ❖ Narrador: a história do conto é contada por um narrador, que pode ser:

1. narrador observador, aquele que conhece a história, mas não participa dela.

2. narrador personagem, aquele que além de narrar a história, também é um dos seus personagens.

3. narrador onisciente, aquele que conhece a história e todos os personagens envolvidos nela.

❖ Personagens: o conto contém poucos personagens, porque como é um texto breve, não é possível incluir muitos participantes na história. Os personagens podem ser principais ou secundários.

❖ Enredo: o conto apresenta sempre um enredo, que é um problema ou situação que dá origem aos acontecimentos de uma história. Ele pode ser:

1. linear - quando os fatos seguem uma sequência lógica, ou seja: apresentação, desenvolvimento, momento de tensão - clímax, e solução - desfecho.

2. não linear - quando os fatos não seguem uma sequência lógica, ou seja, em vez de começar pela apresentação do problema ou da situação, pode começar pela sua solução e os acontecimentos são narrados ao longo do conto.



# NAS TRILHAS DAS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS



## **1ª Nas trilhas do conhecimento**

Vamos realizar uma pesquisa para conhecermos mais sobre o conto na perspectiva do imaginário Amazônico, em seguida vamos montar um mural para mostrarmos os resultados dessa pesquisa.

## **2ª Degustando o gênero**

Caro professor(a) a proposta de atividade do gênero conto para aprimoramento e interação com a turma vai ser um quebra cabeça, no qual será colocado trechos de diversos contos do imaginário Amazônico e os alunos terão que montar o quebra cabeça de acordo com os contos escolhidos.

## **3ª Sendo o próprio autor**

O desafio é tornar os alunos autores de seus próprios contos, então peça que os mesmos criem seus contos. O professor(a) criará um livro digital com os contos dos alunos para apresentarem nas feiras da escola.

# **UNIDADE III**

## **GÊNERO NARRATIVAS DE FICÇÃO E CORDEL :**

**Uma abordagem para alunos do 8ª ano**

**ORIENTAÇÕES PARA LEITURA E PROPOSTA DE  
ATIVIDADE PARA SALA DE AULA : UM  
ENTRELAÇAR LITERÁRIO NO PROCESSO DE  
FORMAÇÃO DE LEITOR**



**NARRATIVA  
DE  
FICÇÃO**



# O AUTÔMATO, A LOJA DE BRINQUEDOS E A “ESTAÇÃO DOS SONHOS”.

HUGO CABRET: “O que é isso?”

PAI DE HUGO: “Chama-se autômato.”

HUGO CABRET: “Um autômato?”

PAI DE HUGO: “Eu o encontrei abandonado. No sótão do museu”.

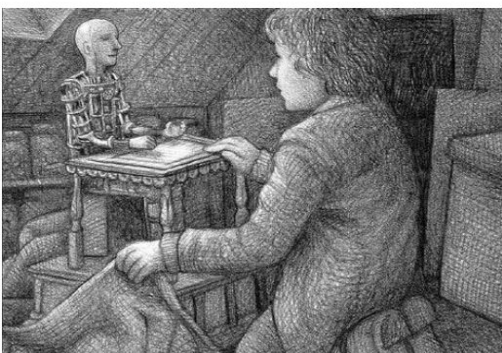
HUGO CABRET: “O que ele faz?”

PAI DE HUGO: “É um objeto de corda, como uma caixa de música, este é um dos mais complexos que eu já vi, e esse aqui escreve (...) Os mágicos usavam máquinas assim quando eu era garoto, umas andavam, outras dançavam, ou cantavam, mas o segredo estava sempre na relojoaria”.

HUGO CABRET: “Podemos concertar?”

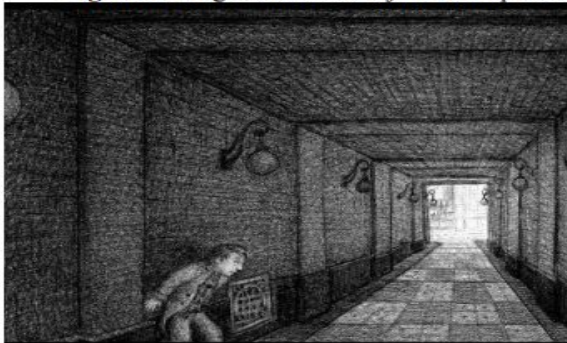
PAI DE HUGO: “Eu não sei Hugo, está muito enferrujado e encontrar peças que sirvam vai ser difícil (pausa momentânea), claro que podemos. Somos relojoeiros, não somos? Mas, só depois que eu acabar o meu trabalho na loja e no museu (...) Está vendo isto? Outra complicação, outro mistério (...) Uma abertura (no autômato) em forma de coração. Não temos a chave, infelizmente”

Figura 5: A reconstrução do autômato



Fonte: *A invenção de Hugo Cabret* (2007).

Figura 1: Hugo Cabret e a loja de brinquedos



Fonte: *A invenção de Hugo Cabret* (2007).

Narrativa ficcional é aquela na qual a linha do tempo, os acontecimentos e os personagens são construídos por meio da imaginação do autor. Ela é o oposto da não ficcional, que se baseia em fatos e depoimentos da vida real.

A maior parte dos livros que lemos, especialmente os romances, são construídos tendo como base a narrativa de ficção. Apesar disso, os autores criam pessoas e contextos que nunca existiram por meio de experiências reais.

É o famoso “A vida imita a arte” ou será “A arte imita a vida”?

### **O que é narrativa ficcional?**

É aquela que conta algo criado, inventado. Para que você entenda melhor, vamos voltar no tempo e pensar porque as pessoas começaram a contar histórias que não tinham realmente acontecido. À medida que a civilização foi se tornando mais complexa, surgiu o desejo e a busca por explicações. Somente os fatos já não bastavam. Isso ficou bem evidente na Grécia Antiga. Nela, o homem passou a narrar histórias de deuses que justificassem sua existência. Esses enredos ganharam o mundo e fazem sucesso até hoje. A Marvel e a DC por exemplo exploram bastante esse tipo de universo. Outras necessidades somaram-se a essa. A de identificação, por exemplo. A de reflexão e até mesmo a de denúncia..

Isso foi se multiplicando até tornar-se toda forma de criação parte fundamental dos nossos dias. Quem conseguiria viver sem livros e filmes? Seria horrível, né? Mas apesar de nada ser totalmente inventado, ninguém quer livros e filmes que sejam embasados apenas na realidade. A arte acaba sendo um escape da vida, mas um encontro inevitável com o real.

A ficção científica é um gênero ficcional desenvolvido no século XX e se refere às narrativas que incluem componentes científicos como essenciais ao andamento da trama.

Esse gênero consiste, a priori, de uma elaboração de fatos e princípios científicos em forma de narrativa, mas também pode abordar temas fantásticos, que, inclusive, contradigam tais fatos e princípios. Entretanto, nas duas situações, deve haver algum nível de plausibilidade e verossimilhança.

### **Quais são os elementos da narrativa ficcional?**

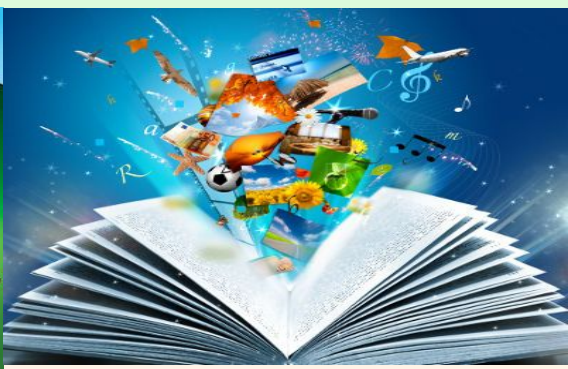
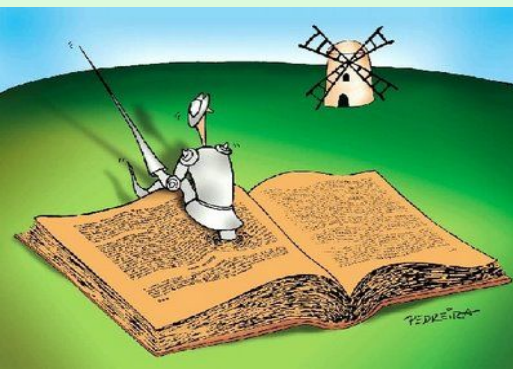
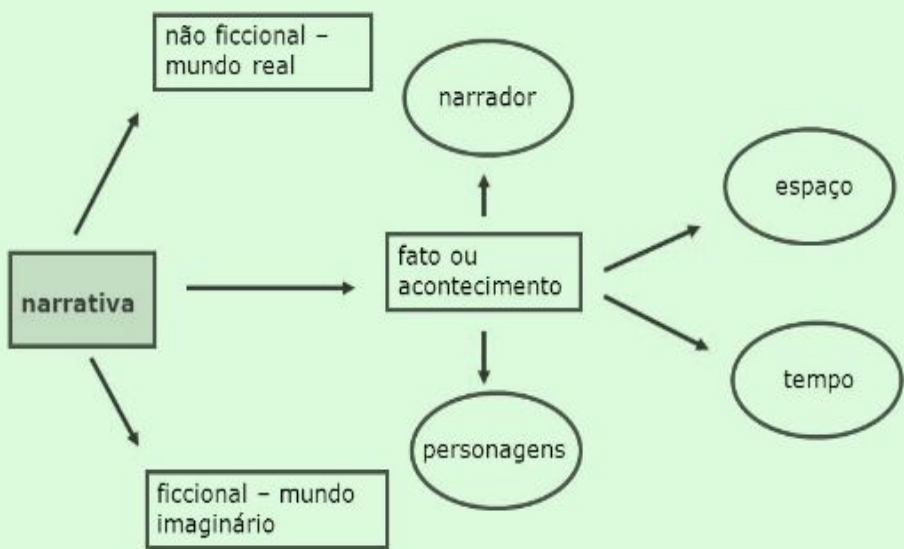
- ❖ O primeiro elemento é o enredo. Por meio dele, os fatos se desenrolam. Uma narrativa conta com conflito e clímax. Em alguns casos, os autores se apoiam em uma estrutura chamada de “jornada do herói”.

- ❖ O segundo elemento é o narrador. É quem conta o que vai acontecer na história. Os personagens são o elemento responsável por fazer viver os fatos da história. Podem ser mocinhos, vilões, coadjuvantes ou pares românticos.

Mas a história precisa se passar em algum lugar, né? É aqui que entram o ambiente e o tempo. Assim, é neles que acontecem os fatos, definido pela época em que as coisas acontecem e o mundo da história.

Na literatura, a narrativa ficcional funciona a partir da comunicação direta com o leitor.

## A narrativa





# NAS TRILHAS DAS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS



## **1ª Nas trilhas do conhecimento**

Escolha uma narrativa de ficção, leia com a turma explore seus aspecto ficcional e não ficcional. Após a leitura peça aos alunos que construa suas próprias narrativas usando sua imaginação e sua criatividade.

## **2ª Degustando o gênero**

Você já ouviu falar em ficção científica? Esse gênero parte de descobertas científicas para criarem possibilidades ficcionais, geralmente, relacionadas ao futuro, ciência e tecnologia e seus impactos na sociedade. Pesquise um filme na internet pertencente ao gênero ficção científica e assista com a turma. Ao término do filme peça aos alunos que reflita e anote em seus caderno: quais acontecimentos do filme são ficcionais e quais não são. Em seguida faça uma roda de conversa para dialogarem sobre suas anotações.

## **3ª Sendo o próprio autor**

Que tal criamos uma peça teatral com o gênero em estudo? Os alunos serão responsáveis por criarem todo o enredo até mesmo a culminância da atividade.

Um encanto de  
**Cordel**





# Caboclo roceiro



1 Caboclo roceiro das plagas do norte,  
Que vives sem sorte, sem terras e sem lar,  
A tua desdita é tristonho que canto,  
Se escuto o teu pranto, me ponho a chorar.

5 Ninguém te oferece um feliz lenitivo,  
És rude, cativo, não tens liberdade.  
A roça é teu mundo e também tua escola,  
Teu braço é a mola que move a cidade.

De noite, tu vives na tua palhoça,  
10 De dia, na roça, de enxada na mão,  
Julgando que Deus é um pai vingativo,  
Não vês o motivo da tua opressão.

Tu pensas, amigo, que a vida que levas,  
De dores e trevas, debaixo da cruz  
15 E as crises cortantes quais finas espadas,  
São penas mandadas por Nosso Jesus.

Tu és, nesta vida, um fiel penitente,  
Um pobre inocente no banco do réu.  
Caboclo, não guardes contigo esta crença,

20 A tua sentença não parte do céu.

O Mestre Divino, que é Sábio Profundo,  
Não fez, neste mundo, o teu fado infeliz.  
As tuas desgraças, com tuas desordens,  
Não nascem das ordens do Eterno Juiz.

25 A Lua te afaga sem ter empecilho,  
O Sol o seu brilho jamais te negou,  
Porém, os ingratos, com ódio e com guerra,  
Tomaram-te a terra que Deus te entregou.

De noite, tu vives na tua palhoça,  
30 De dia na roça, de enxada na mão.  
Caboclo roceiro, sem lar, sem abrigo,  
Tu és meu amigo, tu és meu irmão.

*Fonte: Reprodução*



Ilustração de um homem em uma carroça sendo puxada por dois bois.

*Fonte: Reprodução*

ASSARÉ, Patativa do. Caboclo roceiro. In: Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p.

99-100.



A Literatura de Cordel é uma manifestação da cultura popular brasileira que teve origem no Nordeste. É composta por poemas escritos em linguagem popular, ricos em rimas e na perfeição métrica dos seus versos, reúne textos narrativos que se desenvolvem em versos rimados e cujos temas normalmente se originam de relatos orais.

Originalmente, os poemas de cordel eram vendidos em feiras, onde ficavam à mostra da população pendurados em cordéis ou barbantes.

Os locais onde ela tem grande destaque são os estados de Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Pará, Rio Grande do Norte e Ceará. Por esse motivo, o cordel nordestino é um dos mais destacados no país.

No Brasil, a literatura de Cordel adquiriu força no século XX, sobretudo entre 1930 e 1960. Muitos escritores foram influenciados por este estilo, dos quais se destacam: João Cabral de Melo Neto, Ariano Suassuna e Guimarães Rosa.

### **Origem do cordel**

O termo “Cordel” é de herança portuguesa. Essa manifestação artística foi introduzida por eles no Brasil em fins do século XVIII.

Na Europa, ela começou a aparecer no século XII em outros países (França, Espanha e Itália) e se popularizando no período do Renascimento.

Em sua origem, muito poetas vendiam seus trabalhos nas feiras das cidades. Todavia, com o passar do tempo e o advento do rádio e da televisão, sua popularidade foi decaindo.

## Características da literatura de cordel

- ❖ Tradição literária regional
- ❖ Oposta à literatura tradicional
- ❖ Gênero literário em versos
- ❖ Temas populares e da cultura popular brasileira
- ❖ Linguagem popular, oral, regional e informal

Esse tipo de manifestação tem como principais características a oralidade e a presença de elementos da cultura brasileira. Sua principal função social é de informar, ao mesmo tempo que diverte os leitores.

Oposta à literatura tradicional (impressa nos livros), a literatura de cordel é uma tradição literária regional.

Sua forma mais habitual de apresentação são os “folhetos”, pequenos livros com capas de xilogravura que ficam pendurados em barbantes ou cordas, e daí surge seu nome.



A literatura de cordel é considerada um gênero literário geralmente feito em versos. Ela se afasta dos cânones na medida em que incorpora uma linguagem e temas populares.

Além disso, essa manifestação recorre a outros meios de divulgação, e alguns casos, os próprios autores são os divulgadores de seus poemas.

Em relação à linguagem e o conteúdo, a literatura de cordel tem como principais características:

- ❖ Linguagem coloquial (informal);
- ❖ Uso de humor, ironia e sarcasmo;
- ❖ Temas diversos: folclore brasileiro, religiosos, profanos, políticos, episódios históricos, realidade social, etc.;
- ❖ Presença de rimas, métrica e oralidade.

### **A importância cultural do cordel**

A literatura de cordel é muito importante para o folclore brasileiro, já que os cordéis tratam dos costumes locais, fortalecendo as identidades regionais. O gênero é famoso por suas xilogravuras (gravuras obtidas por um molde em madeira), que ilustram as páginas dos poemas.

Nas xilogravuras também estão presentes histórias de festas, política, secas, disputas, cangaço, atos de heroísmo, milagres e outras temáticas da realidade do sertanejo nordestino.

# NAS TRILHAS DAS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

## 1ª Sendo o próprio autor

Ao longo da leitura, pudemos conhecer as características que compõem o cordel, sua poética e também a importância desse gênero textual para a cultura brasileira. Agora, chegou a sua vez de criar o seu!

### INSPIRAÇÃO



1. Crie seu cordel fazendo uso dos elementos da imagem
2. Dei um título à ele
3. Esponha ele no mural planejado pelo professor.

# **UNIDADE IV**

## **GÊNERO CRÔNICA LÍRICA E CONTO**

**FANTÁSTICO : Uma abordagem para alunos do  
9ª ano**

**ORIENTAÇÕES PARA LEITURA E PROPOSTA DE  
ATIVIDADE PARA SALA DE AULA : UMA  
VIAGEM NO FANTÁSTICO MUNDO LITERÁRIO**



## Minhas férias

Eu, minha mãe, meu pai, minha irmã (Su) e meu cachorro (Dogman) fomos fazer camping. Meu pai decidiu fazer camping este ano porque disse que estava na hora de a gente conhecer a natureza de perto, já que eu, a minha irmã (Su) e o meu cachorro (Dogman) nascemos em apartamento, e, até os 5 anos de idade, sempre que via um passarinho numa árvore, eu gritava "aquele fugiu!" e corria para avisar a um guarda; mas eu acho que meu pai decidiu fazer camping depois que viu o preço dos hotéis, apesar de a minha mãe avisar que, na primeira vez que aparecesse uma cobra, ela voltaria para casa correndo, e a minha irmã (Su) insistir em levar o toca-discos e toda a coleção de discos dela, mesmo o meu pai dizendo que aonde íamos não teria corrente elétrica, o que deixou a minha irmã (Su) muito irritada, porque, se não tinha corrente elétrica, como ela ia usar o secador de cabelo?

Mas eu e o meu cachorro (Dogman) gostamos porque o meu pai disse que nós íamos pescar, e cozinhar nós mesmos o peixe pescado no fogo, e comer o peixe com as mãos, e se há uma coisa que eu gosto é confusão. Foi muito engraçado o dia em que a minha mãe abriu a porta do carro bem devagar, espiando embaixo do banco com cuidado e perguntando "será que não tem cobra?", e o meu pai perdeu a paciência e disse "entra no

carro e vamos embora", porque nós ainda nem tínhamos saído da garagem do edifício.

Na estrada tinha tanto buraco que o carro quase quebrou, e nós atrasamos, e quando chegamos no local do camping já era noite, e o meu pai disse "este parece ser um bom lugar, com bastante grama e perto da água", e decidimos deixar para armar a barraca no dia seguinte e dormir dentro do carro mesmo; só que não conseguimos dormir porque o meu cachorro (Dogman) passou a noite inteira querendo sair do carro, mas a minha mãe não deixava abrirem a porta, com medo da cobra; e no dia seguinte tinha a cara feia de um homem nos espiando pela janela, porque nós tínhamos estacionado o carro no quintal da casa dele, e a água que o meu pai viu era a piscina dele e tivemos que sair correndo. No fim conseguimos um bom lugar para armar a barraca, perto de um rio.

Levamos dois dias para armar a barraca, porque a minha mãe tinha usado o manual de instruções para limpar umas porcarias que o meu cachorro (Dogman) fez dentro do carro, mas ficou bem legal, mesmo que o zíper da porta não funcionasse e para entrar ou sair da barraca a gente tivesse que desmanchar tudo e depois armar de novo. O rio tinha um cheiro ruim, e o primeiro peixe que nós pescamos já saiu da água cozinhado, mas não deu para comer, e o melhor de tudo é que choveu muito, e a água

do rio subiu, e nós voltamos para casa flutuando, o que foi muito melhor que voltar pela estrada esburacada: quer dizer que no fim tudo deu certo.

(Luis Fernando Verissimo . Minhas férias).



Ilustração de um automóvel em viagem familiar.

*Fonte: Shutterstock*



A crônica é uma mistura única de observação, reflexão e prosa. Diferentemente de outros gêneros literários, ela não exige uma trama complexa ou personagens elaborados. Em vez disso, a crônica destaca o ordinário, encontrando significado e emoção nas sutilezas da vida diária.

Etimologicamente a palavra "crônica" deriva do latim "chronica", que por sua vez origina-se do grego "khronika". Em sua raiz, o termo "khronos" significa "tempo", o que nos dá uma ideia essencial do gênero literário. A crônica é, em sua natureza, uma reflexão sobre o tempo, os eventos e as pessoas, geralmente centrada em episódios do cotidiano.

### **Características de uma crônica**

- ❖ **Presença do Cronista:** Em muitas crônicas, o autor se coloca como personagem ou observador dos acontecimentos, interagindo diretamente com o leitor.
- ❖ **Instantaneidade:** Por serem frequentemente publicadas em jornais e revistas, as crônicas muitas vezes abordam temas recentes e atuais, refletindo acontecimentos ou moods do momento.
- ❖ **Versatilidade de Gênero:** A crônica pode mesclar diferentes gêneros literários, como o lírico, o narrativo e o dissertativo.

- ❖ **Caráter Urbano:** Muitas crônicas possuem um forte elemento urbano, descrevendo cenas, personagens e peculiaridades da vida na cidade.
- ❖ **Cunho Social:** Algumas crônicas têm um forte componente social, abordando injustiças, desigualdades ou peculiaridades da sociedade.
- ❖ **Estilo Conversacional:** A crônica pode adotar um tom conversacional, como se o autor estivesse em um diálogo direto com o leitor.
- ❖ **Empatia:** Devido à sua natureza reflexiva e observacional, a crônica frequentemente evoca sentimentos de empatia no leitor, seja pela identificação com uma situação descrita ou pela capacidade do cronista de capturar nuances emocionais.

### **Os tipos de crônica**

- ❖ **Crônica Narrativa:**  
Descrição: Relata uma história com começo, meio e fim. Pode ter personagens e diálogos, e geralmente possui uma reviravolta ou conclusão surpreendente.
- ❖ **Crônica Descritiva:**  
Descrição: Foca na descrição detalhada de pessoas, lugares ou situações, buscando fazer o leitor visualizar e sentir o que está sendo descrito.

### ❖ Crônica Reflexiva

Descrição: Faz uma reflexão profunda sobre um tema, levando o leitor a pensar e, muitas vezes, questionar certas realidades ou comportamentos.

### ❖ Crônica Humorística:

Descrição: Utiliza o humor, seja por meio da ironia, do sarcasmo ou de situações cômicas, para entreter e, muitas vezes, criticar.

### ❖ Crônica Lírica:

Descrição: Apresenta um forte componente emocional, expressando sentimentos, sensações e emoções do autor.

### ❖ Crônica de Opinião:

Descrição: O autor expõe sua opinião sobre um tema atual, muitas vezes com uma postura crítica ou analítica.

### ❖ Crônica Social:

Descrição: Aborda aspectos da sociedade, denunciando injustiças, desigualdades ou retratando costumes e comportamentos.

### **Estrutura de uma crônica**

1. Tema do Cotidiano
2. Tonalidade Pessoal
3. Linguagem Simples e Direta
4. Brevidade
5. Estrutura Narrativa
6. Conclusão ou Reflexão Final
7. Contextualização



# **NAS TRILHAS DAS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS**



## **1ª Sendo o próprio autor**

Para produzir uma boa crônica, é necessário, antes de mais nada, ser um bom observador da vida cotidiana das cidades. É pela observação da realidade e por uma perspectiva inusitada que o cronista encontra o tema de seus textos. Para além disso, um texto de qualidade deve ser projetado, rascunhado e revisado, sempre que possível.

### **MÃOS À OBRA!**

Pondo em prática o gênero estudado: você deverá relatar, de forma breve, um acontecimento simples da vida diária, observando as características estudadas. Para tanto, deve-se planejar a escrita do texto, considerando sua finalidade buscar nos acontecimentos diários a temática, envolver-se neles e descobrir suas belezas, feito isso compartilhe sua crônica com a turma por meio de amostra literária.



# O Conto Fantástico



## OS TRÊS IRMÃOS

Três irmãos dotados de magia viajam durante a noite por uma estrada tortuosa e deserta. Após algum tempo de viagem, eles se deparam com um rio fundo e perigoso. Os três agitam as mãos e, instantaneamente, uma ponte se materializa sobre o rio.

No meio da ponte, eles notam um vulto que bloqueia a passagem. A Morte. Ela estava zangada, pois eles a haviam feito perder três vítimas já que, normalmente, as pessoas pereciam na truculenta travessia.

Usando sua astúcia, a Morte cumprimentou os três irmãos e disse que cada um deles ganharia um prêmio por terem conseguido escapar.

O irmão mais velho foi o primeiro a fazer seu pedido. Ele desejou ter uma varinha incrivelmente poderosa, digna de quem houvesse escapado da Morte. Assim foi feito, e o vulto caminhou até uma árvore, arrancou um galho, e produziu a varinha mais poderosa que poderia existir.

O irmão do meio foi o segundo a escolher um prêmio. Ele pediu o poder de devolver a vida àqueles que a Morte havia levado. O vulto, dessa vez, pegou uma

pedra da margem do rio e entregou-a ao homem. Tal pedra, agora, possuía o poder de ressuscitar pessoas.

O terceiro e mais inteligente dos irmãos pediu que a Morte lhe desse alguma coisa com a qual ele pudesse sair dali sem que a Morte o perseguisse. Logo o vulto, de mal grado, lhe deu a própria Capa da Invisibilidade.

Os irmãos seguiram viagem e, depois de um certo tempo, seguiram cada um o seu destino.

O primeiro viajou durante pouco mais de uma semana até chegar a uma distante aldeia, onde procurou um antigo desafeto para propor um duelo. Saiu vitorioso. Seu inimigo estava morto. Após o duelo, ele foi diretamente para um bar, onde bebeu e gabou-se sobre ter A Varinha das Varinhas. Durante a noite, um ladrão aproveitou-se do torpor alcoólico do homem e roubou sua varinha cortando-lhe a garganta para evitar qualquer tipo de reação. Assim, a Morte havia conseguido levar o primeiro irmão.

O segundo irmão voltou para casa, onde vivia sozinho. Pegou a pedra mágica e a virou três vezes. Ficou surpreso e feliz ao ver o vulto da mulher amada que havia partido muito cedo. O vulto, porém, apresentava um

semblante triste, como quem dissesse que não pertencia mais àquele lugar. O segundo irmão, então, suicidou-se, para ficar ao lado da amada. A Morte acabava de levar o segundo irmão.

O terceiro irmão, procurado por anos pela Morte, sobreviveu até a velhice, quando finalmente tirou a Capa da Invisibilidade para entregá-la a seu filho, acolhendo assim a Morte como uma velha amiga. (J. K. Rowling)



## **CONTO FANTÁSTICO**

Conto fantástico é uma narrativa curta marcada pela presença de elementos sobrenaturais, ou seja, que não possuem uma explicação racional. A literatura fantástica engloba também novelas, romances e até poemas. Tal gênero abandonou a sucessão de acontecimentos surpreendentes, assustadores e emocionantes para adentrar esferas temáticas mais complexas. Devido a isso, a narrativa fantástica passou a tratar de assuntos inquietantes para o homem atual: os avanços tecnológicos, as angústias existenciais, a opressão, a burocracia, a desigualdade social.

Essa literatura, em primeiro lugar, provoca estranheza nos leitores. Em seguida, pode despertar a emoção durante a leitura ou a reflexão, caso o texto, apesar de extrapolar a realidade, trazer alguma crítica a ela.

### **Literatura fantástica**

A literatura fantástica é composta por obras que possuem elementos surreais, sobrenaturais, impossíveis de ocorrer na vida real. Assim, tanto acontecimentos quanto personagens dessas obras podem apresentar essas características. Possivelmente, esse tipo de literatura surgiu entre os séculos XVIII e XIX. Algumas histórias infantis e juvenis, bem como histórias de terror, fazem parte da literatura fantástica.

Os principais nomes da literatura mundial que produziram um ou mais contos fantásticos são:

| AUTORES DE CONTO FANTÁSTICO NO MUNDO  |                                          |      |
|---------------------------------------|------------------------------------------|------|
| AUTOR                                 | CONTO                                    | ANO  |
| Irmãos Grimm (alemães)                | <i>O príncipe sapo</i>                   | 1812 |
| Hans Christian Andersen (dinamarquês) | <i>A pequena sereia</i>                  | 1837 |
| Edgar Allan Poe (estado-unidense)     | <i>Ligeia</i>                            | 1838 |
| Oscar Wilde (irlandês)                | <i>O fantasma de Canterville</i>         | 1887 |
| W. W. Jacobs (inglês)                 | <i>A mão do macaco</i>                   | 1902 |
| F. Scott Fitzgerald (estado-unidense) | <i>O curioso caso de Benjamin Button</i> | 1922 |
| Russel Maloney (estado-unidense)      | <i>Lógica inflexível</i>                 | 1940 |
| Jorge Luis Borges (argentino)         | <i>O outro</i>                           | 1975 |
| Gabriel García Márquez (colombiano)   | <i>Maria dos Prazeres</i>                | 1979 |

No Brasil, alguns autores utilizaram elementos fantásticos em suas obras, como exemplo temos:

| AUTORES DE CONTO FANTÁSTICO NO BRASIL |                                     |      |
|---------------------------------------|-------------------------------------|------|
| AUTOR                                 | CONTO                               | ANO  |
| Machado de Assis                      | <i>O País das Quimeras</i>          | 1862 |
| Monteiro Lobato                       | <i>A vingança da peroba</i>         | 1918 |
| Humberto de Campos                    | <i>Os olhos que comiam carne</i>    | 1932 |
| Lygia Fagundes Telles                 | <i>O encontro</i>                   | 1958 |
| José J. Veiga                         | <i>Os cavalinhos de Platiplanto</i> | 1959 |
| Clarice Lispector                     | <i>Miss Algrave</i>                 | 1974 |
| Murilo Rubião                         | <i>O pirotécnico Zacarias</i>       | 1974 |



# NAS TRILHAS DAS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS



## **1ª Nas trilhas do conhecimento**

Caro professor(a) selecione dois contos fantásticos para essa atividade, a primeira etapa dessa atividade é a leitura individual, em seguida faça uma roda de conversas com os alunos para trocarem informações sobre os contos. Objetivo é analisar os diferentes enfoques do conto na perspectiva dos alunos.

## **2ª Etapa: Degustando o gênero**

Após todas as etapas concluídas, chegou a hora da diversão, escolha um filme e leve para sala de aula para assistir com os alunos.

## **3ª Sendo o próprio autor**

Para essa atividade peça para os alunos coletarem imagens, filmes e contos fantásticos e levarem para sala de aula. O professor solicitará um conto fantástico de sua própria autoria com elementos coletados pelos alunos. O próximo passo é criar um mural interativo para expor os contos fantásticos.



# CONSIDERAÇÕES FINAIS

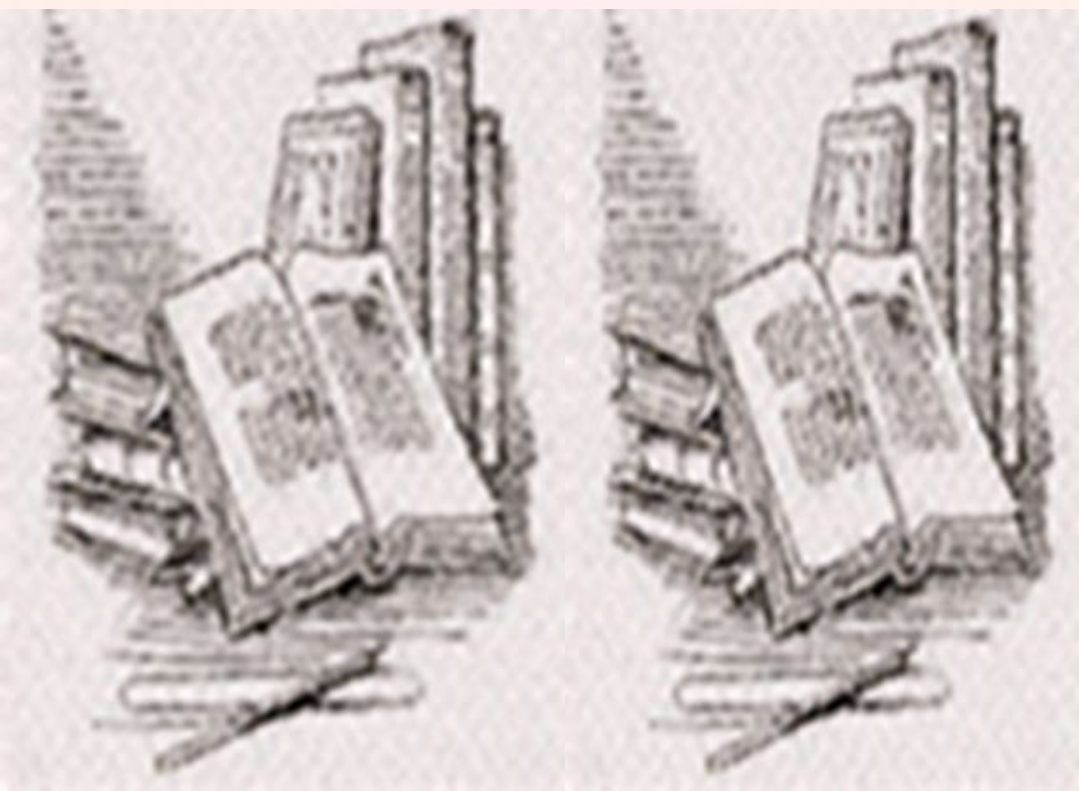
Caro professor(a) a utilização de produtos educacionais no ensino de literatura na educação básica é crucial para proporcionar aos alunos uma compreensão mais profunda e significativa do mundo literário, gera um impacto positivo no processo de ensino e aprendizagem da literatura na educação básica. Ao utilizar um produto educacional, é importante considerar diversos aspectos para determinar sua qualidade e aplicabilidade. Um caderno literário pode ser uma ferramenta valiosa no processo de ensino de literatura. Ele oferece uma abordagem prática e criativa para envolver os alunos com textos literários, estimulando o interesse pela leitura e promovendo a compreensão e apreciação das obras literárias dentro de um contexto mais receptivo e acolhedor.

Em resumo, produtos educacionais no ensino de literatura na educação básica são importantes porque estimulam o interesse pela leitura, aprofundam a compreensão literária, promovem a alfabetização crítica, personalizam a aprendizagem,

desenvolvem habilidades de comunicação, integram tecnologia e preparam os alunos para o futuro. Sua eficácia reside na capacidade de envolver os alunos, criar experiências de aprendizado significativas e prepará-los para serem leitores críticos e pensadores reflexivos.

Como parte desse processo na caminhada do desenvolvimento e aperfeiçoamento do ensino de literatura na educação básica, deixo esse produto educacional instilado “Caderno Literário”, como subsídio para utilização na sala de aula da educação básica.

A Autora



# REFERÊNCIAS

BEDUKA. Blog da beduka. 2010. Disponível em: <https://beduka.com/blog/materias/portugues/o-que-e-e-narrativa-ficcional/>. Acesso em: 22, de outubro de 2023

BOLSA. Quero bolsa. 2019. Disponível em: <https://querobolsa.com.br/enem/redacao/cronica-o-que-e-cronica> Acesso em: 24, de outubro de 2023

BRASILEIRO. Conto brasileiro, 2013. Disponível em: <https://contobrasileiro.com.br/o-pobre-poema-mario-quintana/> Acesso em: 30, agosto 2023.

BRASIL. Brasil escola. 2012. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/literatura/genero-literico.htm/> Acesso em: 11, de outubro de 2023

DICIONARIOS. Meus dicionários. 2007. Disponível em: <https://www.meusdicionarios.com.br/lenda/>. Acesso em: 12, de outubro de 2023

ESCOLA. Info escola.2012. disponível em: <https://www.infoescola.com/generos-literarios/ficcao-cientifica/>. Acesso em: 12, de outubro de 2023

FERNANDES, Millôr. Fábulas Fabulosas. 14 ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1963.

FERNANDES, Mônica Terezinha Ottoboni Sucar. Trabalhando com os gêneros do discurso: narrar – fábula. São Paulo: FTD, 2001.

LA FONTAINE. Fábulas de La Fontaine. São Paulo: Martin Claret, 2005.

LOBATO, Monteiro. Fábulas. São Paulo: Globo, 2006.

MATERIA. Toda matéria, 2011. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/conto/>  
Acesso em: 20, agosto 2023.

MONTEIRO, Walcyr. Visagens e Assombrações de Belém. Ed. Smith, 2007

SIGNIFICADOS. Enciclopédia, 2022. Disponível em:  
<https://www.significados.com.br/poema/>  
Acesso em 22, setembro de 2023

SIQUEIRA, Antônio Juraci. Piracema de Sonhos. Belém. Imprensa Oficial do Estado, 1987

VERISSIMO, Luis Fernando. Minhas férias. **O santinho**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

## CONHEÇA ALGUNS AUTORES MENCIONADOS NO CADERNO LITERÁRIO



Luanny Isabely da Silva Gonçalves, graduada em letras pela Universidade do Estado do Pará (UEPA) mestranda pela mesma instituição, membra perpétua da Academia Vigienze de Letras (AVL), escritora, poetisa e contista.



Elzilene Carvalho Brito, graduada em letras pela Universidade da Amazônia (UNAMA) mestranda pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), membra perpétua da Academia Vigienze de Letras (AVL) escritora contista.( Autora desse caderno literário)



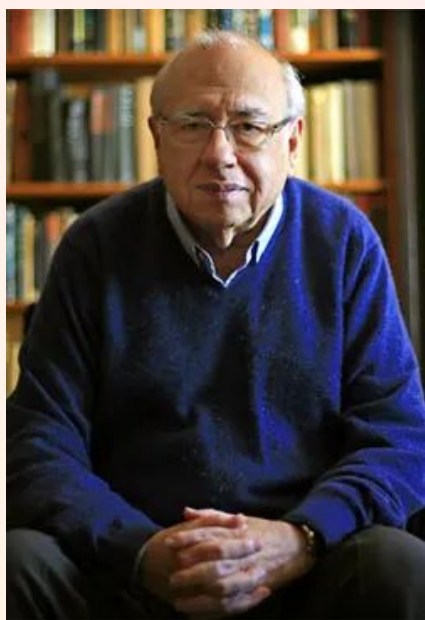
Antônio Juraci Almeida Siqueira, conhecido como Antônio Juraci Siqueira é um escritor e poeta brasileiro. Escreveu diversas obras literárias, entre elas merecem destaque, O Chapéu do Boto, Paca, Tatu; Cutia não!, e Aumentei, Mas Não Menti.



Walcyr Monteiro foi um escritor brasileiro. Sua obra de maior destaque é o livro *Visagens e Assombrações de Belém*. Walcyr Monteiro nasceu no dia 27 de janeiro de 1940, na cidade de Belém do Pará. Jornalista profissional, trabalhou e colaborou com diversos jornais e revistas.



Patativa do Assaré era o nome artístico (pseudônimo) de Antônio Gonçalves da Silva. Foi um dos mais importantes representantes da cultura popular nordestina. Foi poeta, compositor, cantor e improvisador cearense do século XX. Nasceu em 5 de março de 1909, na cidade de Assaré (estado do Ceará).



Luis Fernando Verissimo (Porto Alegre, 26 de setembro de 1936) é um escritor, humorista, cartunista, tradutor, roteirista de televisão, autor de teatro e romancista brasileiro. Já foi publicitário e revisor de jornal. É ainda músico, tendo tocado saxofone.